



Recebido em: 03/07/2018

Aceito em: 21/10/2018

Repensando conceitos: uma nova leitura acerca da expressão “Filho do Homem” no judaísmo antigo.

Rethinking concepts: a new reading about expression “Son of Man” at ancient Judaism.

Daniel Soares Veiga¹

Doutor (PPGH/UERJ)

<http://lattes.cnpq.br/6808655301090296>

Resumo: O objetivo deste artigo é debater sobre o significado da expressão “Filho do Homem” dentro da temática do messianismo judaico. Qual a importância que a designação “Filho do Homem” tinha para os seguidores de Jesus, a ponto dela ser mencionada inúmeras vezes nos evangelhos? O que o epíteto “Filho do Homem” representava que os títulos “Cristo”, “Filho de Deus” e “Rei dos Judeus” não eram capazes de exprimir? São perguntas para as quais este artigo oferece algumas respostas.

Palavras-chave: Filho do Homem, Jesus, messianismo, simbolismo, judaísmo.

Abstract: The purpose of this paper is to discusses about the meaning of expression “Son of Man” dealing with theme of jewish messianism. What’s the importance that the appointment “Son of Man” had for Jesus’ followers as it has been featured a lot of times on the gospels? What’s the epithet “Son of Man” has typified and that the titles “Christ”, “Son of God” and “King of Jewishes” were unable to evokes? They are questions for which this paper gives some answers.

Key-words: Son of Man, Jesus, messianism, symbolism, judaism.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, tendo defendido a tese intitulada “Jesus: uma análise do processo histórico que culminou na sua divinização pelo evangelho de João, dentro do contexto da sociedade imperial romana”, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Regina Cândido. Ano de obtenção: 2018.

A expressão “Filho do Homem” é, talvez, a mais obscura e enigmática dentre todas as designações messiânicas que existiam no final de judaísmo tardio, concorrendo em pé de igualdade com as denominações “Filho de Deus”, “Filho de Davi” e “Rei de Israel”, títulos messiânicos cujos significados são evidentes por si mesmos². O termo “Filho do Homem” merece, portanto, uma análise aprofundada.

Devemos salientar que o termo “Filho do Homem” não aparece unicamente nos evangelhos ditos canônicos para se referir a Jesus. Referências ao “Filho do Homem” são copiosas nos textos veterotestamentários e ele também é amiúde mencionado em pseudoepígrafos, judeicos e cristãos, tanto anteriores quanto posteriores à redação dos evangelhos canônicos. No que tange aos pseudoepigráficos judeicos que contém a expressão “Filho do Homem”, um dos mais notáveis é a obra intitulada *Parábolas de Enoque*³. O papel atribuído a personagem Filho do Homem nas *Parábolas de Enoque* é, basicamente, o de julgar a humanidade, redimindo os justos e punindo severamente os maus.

Benjamin Reynolds (2013) afirma categoricamente que a função mais óbvia da figura do Filho do Homem nas *Parábolas de Enoque* é o seu papel como juiz, pois a temática do julgamento permeia de forma latente as descrições do Filho do Homem na obra (REYNOLDS, 2013:298). Para Reynolds, este fato é especialmente notável na sentença: “O julgamento inteiro foi dado ao filho do homem e ele fará os pecadores perecerem e desaparecerem da face da terra” (1 En 69:27). Em outra parte, o Filho do Homem é descrito como “justo no seu julgamento” (1 En 50:4) e, adiante, lemos que “a execução do seu julgamento está conectada com a sua presença no trono da glória” (1 En 55:4)⁴.

Esta concepção de Reynolds é partilhada por Sabino Chialà (2007), para quem o Filho do Homem enoquiano tem como predicado primordial o exercício da justiça, conferido a Ele por Deus (CHIALÀ, 2007:160). Este último autor ainda

² A título de exemplo, os autores Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre (2007), observaram que, no início do evangelho de João, depois de assistirmos a uma verdadeira acumulação de títulos messiânicos aplicados a Jesus pelos primeiros discípulos (cf. Jo 1:35-49): “messias” (no seu sentido davídico), “aquele de quem escreveu Moisés na Lei e os Profetas”, “Filho de Deus”, “Rei de Israel”; Jesus não somente não os emprega, mas se refere a si mesmo como o “Filho do Homem. Cf. TUÑÍ, Josep-Oriol & ALEGRE, Xavier. *Escritos joaninos e cartas católicas.*, pp.84-85.

³ O Livro das Parábolas de Enoque é um texto constituído por 3 parábolas que narram a ascensão do patriarca Enoque aos céus, estando inserida numa obra maior conhecida como Primeiro Livro de Enoque ou 1 Enoque. Os capítulos das Parábolas que compõem a obra de 1 Enoque vão do 37 ao 71. No que concerne ao *Livro das Parábolas de Enoque*, a única versão completa que chegou até nós está no idioma etíope. Estudiosos como Pierluigi Piovanello (2007) datam o *Livro das Parábolas* como tendo sido redigido entre meados do século I a.C. – por volta da época da invasão parta na Judeia (40-37 a.C.), ocorrida durante a transição do reinado da dinastia asmoneia para o reinado de Herodes, O Grande –, e o final do reinado de Herodes Magno (4 a.C.), ou um pouco depois. Cf. PIOVANELLI, Pierluigi. *A testimony for the kings and the mighty who possess the earth: the thirst for justice and peace in the Parables of Enoch.*, p.375. Lester Grabbe (2007), por seu turno, estima sua datação em algum momento logo após a invasão parta na Judeia, ocorrida em 40 a.C. Cf. GRABBE, Lester. *The Parables of Enoch in Second Temple Jewish Society.*, p.397.

⁴ Cf. também as passagens de 1 En 61:8-9; 62:2 e 69:29.

chama nossa atenção para o que parece ser uma ruptura com a tradição hebraica na bíblia, pois no Antigo Testamento é normalmente Yahweh quem julga, mas no *Livro das Parábolas* nós vemos Deus delegando o ofício de juiz universal ao Filho do Homem (CHIALÀ, 2007:161).

Como campeão da justiça divina, o Filho do Homem termina encampando um outro predicado considerado exclusivo de Deus: a sabedoria. Pieter M. Venter (2007), ao perscrutar sobre as tarefas atribuídas ao Filho do Homem no *Livro das Parábolas*, aponta para os trechos onde Ele foi eleito pelo “Senhor dos Espíritos” para executar a sabedoria do Senhor e a Sua justiça – 1 En 46:4; 48:7 –, ou seja, a justiça e a sabedoria nas Parábolas de Enoque não pertencem somente ao Senhor, mas também ao Filho do Homem (VENTER, 2007:410-11).

Alhures nós lemos que “a justiça habita com o Filho do Homem” (1 En 46:3), que “Ele é poderoso em todos os segredos da justiça” (1 En 49:2) e que “o espírito da sabedoria habita nele” (1 En 49:3). Em outro trecho é dito que o Filho do Homem executa o julgamento “revelando a sabedoria do Senhor aos santos” (1 En 48:7), enquanto ele expulsa todos os reis e opressores dos seus tronos. Isto faz pleno sentido porque se alguém pretende ministrar a justiça de forma correta, esse alguém tem que ser sábio.

Faz-se imperioso, entretanto, analisarmos a expressão Filho do Homem na sua filologia se quisermos compreender mais plenamente a extensão do seu significado. O estudioso Leslie Walck (2007) nos recorda que, como é sabido, no hebraico e no aramaico, os respectivos termos *ben-adam* ou *bar-nasha* eram uma expressão idiomática comumente empregada para se referir a um membro da raça humana. Em síntese, na sua origem eles nada mais eram do que um circunlóquio usado para designar “homem” ou “ser humano” no sentido genérico (WALCK, 2007:301).

O estudioso Geza Vermes (2013) aprofunda o significado da expressão “Filho do Homem” dentro do seu universo linguístico semítico e infere que ela também podia servir como uma perífrase usada com frequência pelo falante para se referir a si mesmo na 3^a. pessoa. (VERMES, 2013:9). Geza Vermes ainda reitera que os termos semíticos *ben-adam* e *bar-nasha* deviam fazer parte do linguajar comum na época de Jesus, haja vista que nenhum dos ouvintes de Jesus demonstra espanto ou considera a expressão estranha ou obscura (VERMES, 2013:3).

Pela definição do *Theological Dictionary of the New Testament*, a expressão grega ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου é fruto de um aramaísmo, sendo que o termo ἀνθρώποις reflete um conceito semítico generalizante de “homem”, que é, então, individualizado pela combinação do equivalente semítico para υἱός (KITTEL & FRIEDRICH, 1972:401).

No Antigo Testamento, o seu correspondente hebraico é בָּנֶן אָדָם e ele ocorre 93 vezes no Livro de Ezequiel como um encaminhamento de Deus a um profeta, estando 14 vezes inserido num contexto poético ou solene (Ez 2:1,3,6,8; 3:1,3,4,10,17,25; 8:5,6,8,12,15,17; 12:2,3,9; 20:3,4,27; 21:2,6,12,14,28; 33:2,7,10,12,24,30; 37:3,9,11; 38:2,14; etc.).

Klaus Koch (2007) argumenta que o uso do vocábulo hebraico *adam* empregado para adjetivar o profeta Ezequiel é um recurso linguístico/literário visando despertar no leitor o entendimento de que o profeta é um excelsior e digníssimo descendente do primeiro homem, Adão, e nesta condição, ele representaria um novo e divino recomeço para a humanidade (KOCH, 2007:231-232).

O exemplo mais antigo da expressão em aramaico encontra-se registrado numa estela da cidade de Al-Saffyra, próxima a Aleppo, na Síria, anterior a 740 a.C. Em papiros antigos, descobertos em Elephantina e Sakkara, אָדָם sozinho pode significar tanto “homem” como um designativo para “ser humano”, assim como pode também ser traduzido no singular indefinido “um homem” ou “alguém” (KITTEL & FRIEDRICH, 1972:402).

No Salmo 80:15-18, o povo de Israel é personificado como um “homem” שָׁאֵל colocado à mão direita de Deus e um “filho de homem” בָּנֶן יְהָדָם, a quem Deus fortaleceu. Portanto, na tradição pré-apocalíptica, Filho do Homem podia também ser tratado como uma entidade coletiva. Neste texto, o povo está clamando por um rei que senta-se à direita de Deus e deve garantir a salvação de Israel, embora ele não tenha condições de fazê-lo por conta própria, pois apesar da sua relação com Deus, ele não passa de um mero mortal, como todos os homens.

A sutileza linguística que permite a transição de uma leitura capaz de interpretar “filho de homem” de um sentido individualista para o coletivo fica patente no fim da alegoria da vinha, onde se deduz claramente que a expressão, ao invés de representar um homem específico; simboliza toda a população de Israel (KITTEL & FRIEDRICH, 1972:407):

Deus dos Exércitos, volta atrás! Olha do céu e vê, visita esta vinha: protege o que a tua direita [o povo] plantou! Queimaram-na com fogo, como ao lixo, eles vão perecer com a ameaça de tua face. Esteja tua mão sobre o homem da tua direita, o filho de Adão [ben-adam] que tu confirmaste! (Sl 80:15-18).

No Livro das Parábolas, entretanto, uma obra produzida no esteio do florescimento do pensamento apocalíptico (século II a.C. em diante), este conceito ganhou uma nova dimensão porque a figura humana aí retratada – Enoque –, é congratulada com uma função muito particular na corte celestial, adquirindo um tom messiânico (WALCK, 2007:301).

Sua primeira aparição no documento ocorre durante uma das viagens astrais de Enoque quando, diante do trono de Deus, o patriarca pergunta ao anjo guia quem era aquele ser com aparência humana ao lado do “Cabeça de Dias”, e o anjo responde: “Este é o filho do homem que detém a justiça, e os justos habitam com ele” (1 En 46:3).

Conforme o pensamento apocalíptico foi amadurecendo dentro do judaísmo a partir do século II a.C., a figura do Filho do Homem sofreu um *upgrade*. A denominação Filho do Homem que, originalmente, era uma perífrase para se referir ao homem comum, de carne e osso, e que depois passou a ser empregada para designar não mais um homem qualquer, mas aquele homem notável pelo seu caráter (amiúde um profeta, como no caso de Ezequiel); ganhou vida própria para se tornar uma entidade sobre-humana em certas obras apocalípticas, como nas *Parábolas de Enoque*.

Prova disto é que no capítulo 48 das *Parábolas de Enoque* está escrito que o Filho do Homem foi gerado por Deus (o “Senhor dos Espíritos”) antes da criação do universo. Mais do que isso: o Filho do Homem atendia por um nome específico, escolhido diretamente por Deus antes do mundo ser plasmado:

E naquela hora, aquele Filho do Homem foi nomeado na presença do Senhor dos Espíritos (...) Mesmo antes que o sol e as constelações fossem criados, antes que as estrelas do céu fossem feitas, seu nome foi chamado perante o Senhor dos Espíritos. (1 En 48:2-3).

Seu nome deveria permanecer incógnito até o fim dos tempos pela maioria dos mortais, com a honrosa exceção daqueles homens justos que, pela sua retidão, se tornaram os “Eleitos por Deus”, a quem Este concedeu o privilégio de conhecerem o nome do Filho do Homem: “E eles [os justos] se rejubilaram, e eles abençoaram e glorificaram e exaltaram [o Senhor dos Espíritos] porque o nome daquele Filho do Homem tinha sido revelado a eles”. (1 En 69:26).

Infere-se, portanto, que o nome do Filho do Homem era por demais sagrado para ser pronunciado por lábios profanos, sendo uma exclusividade dos justos. Prevalece a ilação de uma correspondência entre o nome do Filho do Homem e o nome do Deus/Yahweh que, para os judeus era o inefável יהוה, traduzido no tetragrama YHWH; conforme bem matizado por Charles Gieschen. (GIESCHEN, 2007:239-240). No Livro do Êxodo, Deus revela – ao mesmo tempo em que não revela – o Seu nome a Moisés:

Moisés disse a Deus: “Quando eu for aos filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós’; e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?” Disse Deus a Moisés: ‘Eu sou aquele que é.’” (Ex 3:13-14)

Segundo Charles Gieschen, o sigilo em torno do nome do Filho do Homem evoca a impronunciabilidade do nome do Deus hebreu, estabelecendo uma analogia

que culmina na intercambialidade entre os dois nomes; do que resulta na conclusão de que ambos têm o mesmo nome. (GIESCHEN, 2007:240). No capítulo 48 das *Parábolas de Enoque* se lê: "E todos aqueles que habitam sobre a terra se prostrarão e adorarão perante ele [o Filho do Homem]; e eles glorificarão e bendirão e cantarão hinos ao nome do Senhor dos Espíritos". (1 En 48:5).

O fato de que os eleitos entoarão o nome do Senhor dos Espíritos (Deus) no momento em que é o Filho do Homem quem está sendo incensado, somente faz sentido se ambos forem detentores do mesmo nome divino. Todavia, o **Nome Divino** do Filho do Homem é diferente do seu **nome terreno**, que nas *Parábolas de Enoque*, atende pelo nome da personagem-título da obra, sendo este Filho do Homem uma entidade binominal.

A ser correta esta linha de raciocínio, podemos afirmar – sem incorrermos no risco de cairmos no logro da simples conjectura – que conhecer o nome do Filho do Homem era um passo para se conhecer o antes inacessível nome de Deus e conhecer o nome de Deus implicava, por extensão, em conhecer a imagem indevassável de Deus, o que explica a sua aclamação pelos crentes no Dia do Juízo Final, como se depreende da leitura do verso 26 do capítulo 69 das *Parábolas de Enoque*.

Charles Gieschen postula que no judaísmo antigo vicejava a crença na qual conhecer o Nome Divino conferia à pessoa o dom de contemplar a imagem de Yahweh durante as Suas teofanias. (GIESCHEN, 2007:243). Uma das estórias da Torah onde esta ideia fica bem evidente é quando Yahweh promete a Moisés que Ele enviará um anjo diante de Israel na sua jornada do Sinai até Canaã:

Eis que envio um anjo (**אֵל**) diante de ti para que te guarde pelo caminho e te conduza ao lugar que tenho preparado para ti. Respeita a sua presença e observa a sua voz, e não lhe sejas rebelde, porque não perdoará a vossa transgressão, **pois nele está o meu Nome**. Mas se escutares fielmente a sua voz e fizeres o que te disser, então serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. (grifo meu). (Ex 23:20-22)

A necessidade por uma distinção entre Yahweh e sua forma visível suscita o oxímoro de que Yahweh aparece, de alguma forma, em muitas ocasiões; muito embora esteja expresso na Torah (e isso é uma contradição aparentemente inexorável) que ninguém pode olhar Yahweh e sobreviver (Ex 33:20). A solução encontrada para a delicada distinção entre Yahweh e sua aparência visível é justamente a utilizada nos textos teofânicos, como em Ex 23:20-22, qual seja, o uso do título **אֵל**, traduzido como “anjo” ou “mensageiro”; sendo este anjo/mensageiro a face visível de Yahweh por portar o Seu nome. É nesta toada que devem ser entendidos o Filho do Homem enoquiano e o Filho do Homem no

evangelho de João, identificado com Jesus: “Pai santo, guarda-os **em teu nome que me deste**, para que sejam um como nós”. (Jo 17:11).

Neste ponto, comungamos do diagnóstico de Gerd Theissen de que o conceito de “Filho do Homem” é o que melhor se harmoniza com o tipo de messianismo reivindicado por Jesus. Quase todas as referências ao Filho do Homem no Novo Testamento aparecem apenas na boca de Jesus, com raras exceções: de um lado, em duas visões do Filho do Homem no céu, presentes em Atos dos Apóstolos (At 1:13; 7:56) e, de outro lado, em Jo 12:34, sendo que aqui os interlocutores de Jesus atribuem a ele o uso da expressão Filho do Homem. Além disso, o termo está ausente das epístolas neotestamentárias, à exceção da conhecida Epístola de Barnabé 12:10, onde ele é um termo em oposição a “Filho de Deus”. (THEISSEN, 2002:572).

A vinculação da expressão “Filho do Homem” a Jesus não pode ser meramente oriunda da linguagem cotidiana, observa Theissen. Afinal de contas, por que uma expressão idiomática que geralmente se constituía numa perifrase para “o ser humano no sentido genérico”, deveria continuar tão claramente acoplada a Jesus a ponto de ficar em uso mesmo após a Páscoa, quando Jesus já era mais do que um simples homem para os cristãos? Gerd Theissen responde que a valorização da designação “Filho do Homem” foi encorajada pelo fato de Jesus ter falado de si mesmo como sendo um “Filho do Homem” que se manifestaria na virada escatológica. (THEISSEN, 2002:572).

Osvaldo Luiz Ribeiro (2011)⁵ sublinha que a tradição do Filho do Homem foi deveras “contagiada” pelas interpretações dos efeitos e dos desdobramentos teológicos da crucificação e da ressurreição, o que significa que a fórmula “Filho do Homem”, tal como ela aparece no cânon das escrituras não refletiria mais a tradição do período pré-pascal em seus estados histórico-traditivos originais. (RIBEIRO, 2011:92-93).

Sob a perspectiva de uma historiografia positivista, o autor tem razão se ele entende “estado histórico-traditivo original” dentro de um esquema que se proponha a perscrutar qual seria a “verdadeira” ideia que Jesus teria da expressão Filho do Homem, o que remontaria ao utópico modelo holtzmanniano⁶ de tentar conhecer Jesus tal “*como ele realmente era*”. Todavia, Osvaldo Luiz Ribeiro reconhece que se, por um lado, a “cristologia” apropriou-se da fórmula, impondo-lhe uma nova configuração histórico-traditiva; por outro lado, é salutar conceder

⁵ O artigo deste autor, intitulado “*Este é o rei dos judeus*” – o título “filho do homem” na camada histórico-traditiva pré-pascoal como referência à tradição veterotestamentária do rei”, foi retirado do site da Revista Eletrônica do Jesus Histórico, ano IV, 2011, volume 6, ISSN: 1983-4810.

⁶ De Heinrich Julius Holtzmann (1832-1910), estudioso que advogava que, através de uma aguçada análise crítico-literária das fontes, poder-se-ia reconstruir a evolução biográfica da vida de Jesus, pois ele acreditava que as fontes literárias refletiam a personalidade de Jesus.

validade à pressuposição de que, se a fórmula “Filho do Homem” fora aplicada a Jesus de Nazaré antes da cruz, há então, necessariamente uma dependência referencial não-cristológica que lhe servisse de orientação à atualização pós-pascal. (RIBEIRO, 2011:94).

Sob esta base, o autor referenda que o historiador deve estar desejoso e preparado para encontrar os fundamentos referenciais disponíveis para as tradições circulantes, de modo que, se original, isto é, se própria das camadas pré-pascrais da tradição, a fórmula “Filho do Homem” deve fazer referência a elementos traditivos igualmente pré-pascrais e, eventualmente, ainda acessíveis. (RIBEIRO, 2011:95).

Entretanto, tudo o que foi dito acima ainda não elucida satisfatoriamente a pungência intrínseca por trás da terminologia do “Filho do Homem” – em toda sua dimensão psíquico-linguística – que pudesse justificar o porquê tal designação era capaz de evocar na mente dos galileus o escrúpulo de que somente uma pessoa com um dom especial devia respeitosamente receber esta emulação. Uma leitura da expressão “Filho do Homem” no idioma hebraico – **ben adam** (literalmente: filho de Adão) – pode auxiliar nossa compreensão sobre o real significado desta reverência. Para tanto, faz-se necessária uma lida em certos trechos do livro de Gênesis:

Iahweh Deus modelou, então, do solo, todas as feras selvagens e toda as aves do céu e as conduziu ao homem (*adam*) para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens... (Gn 2:19-20)

Sob uma perspectiva mágico/xamânica podemos supor que o fato de o primeiro *adam* ter tido a prerrogativa de nomear todos os animais (todos os seres vivos, a bem da verdade) conferia a ele o exercício de um poder sobre todas as criaturas, submetendo-as e fazendo com que elas lhe obedecessem. Temos aqui a primeira pista do que estamos procurando. Prossigamos com o livro de Gênesis:

Eles [Adão e Eva] ouviram os passos de Iahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia e o homem e sua mulher se esconderam (...) “Ouvi teu passo no jardim”, respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi.” (Gn 3:8-10)

Percebemos nesta passagem um pormenor interessante: o autor do Gênesis nos diz que Adão escutou (e reconheceu) os passos de Deus, que caminhava pelo Éden, aproveitando a brisa do dia. A naturalidade com que o episódio é narrado conduz o leitor a interpretar que o fato de Deus passear pelo Jardim do Éden como forma de se descontrair era algo corriqueiro; entendimento que é reforçado pela afirmação de que o *adam* ouviu os passos de Iahweh e, ao ouvi-los, os reconheceu de imediato para logo se esconder. Deste relato mítico podemos abstrair que Deus e *adam* desfrutavam de um relacionamento bem próximo, *tête-à-tête*, com os dois

coabitando o mesmo cenário: o Jardim do Éden. Tendo Adão uma relação tão íntima com Iahweh era de se esperar que Adão compartilhasse dos poderes sobrenaturais que emanavam da divindade, o que por sua vez, explicaria o domínio que ele tinha sobre todas as criaturas da Terra.

[Deus diz a Adão e à sua primeira mulher, criada antes de Eva]:
“Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra.” (Gn 1:28)

Alguns galileus da época de Jesus, conhecedores do mito de que *adam* era capaz de comandar todos os seres vivos antes da sua queda, devem ter presumido que tamanha faculdade era possível graças ao convívio direto que ele tinha com Iahweh, de quem devia incorporar o poder que irradiava da divindade, tão vicinal a ele. Estes galileus, plausivelmente, viam em um mago/xamã como Jesus alguém cujas façanhas só seriam possíveis se este indivíduo compartilhasse de um contato muito estreito com Iahweh, análogo à proximidade que Adão usufruía em relação a Deus.

Atualmente, quando nos dirigimos ao nosso interlocutor com a assertiva “Você é *mesmo filho do seu pai*”, estamos insinuando que esta pessoa tem as mesmas virtudes e/ou vícios do seu progenitor. Igualmente, muitos galileus do século I d.C. deviam estimar que um sujeito dotado de poderes diversos (fosse para sarar enfermidades, expulsar demônios ou controlar a natureza) era alguém de quem se poderia dizer que ele era mesmo um verdadeiro *filho de Adão*, um *ben adam*, ou no sentido literal, um *filho do homem*. Sob este prisma, podemos teorizar que, para certos galileus, referir-se a um mago/xamã como um *filho do homem* significava que seus admiradores criam que ele, da mesma forma que Adão, mantinha um contato direto, quase “medular” com a divindade.

Conclusão:

A terminologia “Filho do Homem” é um exemplo que nos ensina o quanto é complexo o tema do messianismo no judaísmo tardio. Esta complexidade é fruto das diversas concepções que cada judeu tinha sobre como identificar um pretendente messiânico, quais os atributos que uma pessoa devia ostentar para que ela fosse reconhecida como messias ou qual a verdadeira função que um messias devia desempenhar. Deveria ser o messias um líder guerrilheiro que, à semelhança de Davi, conduzia o seu povo a guerra contra os inimigos dos judeus, ou alguém que fosse descendente de linhagem sacerdotal sadoquita, ou um exorcista e operador de milagres... ou todas estas categorias juntas num só indivíduo?

Como se vê, a pluralidade de pensamentos e pontos de vista divergentes e contrastantes acerca do messianismo nos ensina o quanto rico e multifacetado era o judaísmo na virada de eras e por que ainda hoje é tão difícil para os estudiosos determinar qual a natureza messiânica em que Jesus de Nazaré se encaixava. Talvez tenha sido por esta razão que os cristãos da segunda geração em diante e os Padres da Igreja acharam por bem conjugar em Jesus todas as categorias messiânicas (Cristo=Ungido, Filho do Homem, Filho de Deus, Filho de Davi, Rei de Israel, etc.), isto é, como uma forma de harmonizá-las, fazê-las todas adquirir o mesmo sentido. Por este meio, evitar-se-ia uma controvérsia que seria por demais desgastante e poderia prejudicar a missão proselitista de trazer novos convertidos à nova fé emergente.

Documentação:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. de GIRAUDO, Tiago (5ª ed.). SP: Paulus, 1996.
THE PARABLES OF ENOCH. The Hermeneia Translation. Trans. by NICKELSBURG, George & VANDERKAM, James. Minneapolis: Fortress Press, 2012.

Dicionários:

KITTEL, Gerhard & FRIEDRICH, Gerhard. **Theological Dictionary of the New Testament.** Volume IV, Germany: Eerdmans Publishing Co., 1967.
_____. **Theological Dictionary of the New Testament.** Volume VIII, Germany: Eerdmans Publishing Co., 1972.

Bibliografia:

CHIALÀ, Sabino. **The Son of Man: the evolution of an expression.** In: BOCCA CCINI, Gabriele. **Enoch and the Messiah Son of Man: revisiting the Book of Parables.** Cambridge: Eerdmans Publishing Co., 2007, pp. 153-178.
GIESCHEN, Charles. **The Name of the Son of Man in the Parables of Enoch.** In: BOCCACCINI, Gabriele. **Enoch and the Messiah Son of Man: revisiting The Book of Parables.** Cambridge: Eerdmans Publishing Co., 2007, pp. 238-249.
GRABBE, Lester. **The Parables of Enoch in Second Temple Jewish Society.** In: BOCCACCINI, Gabriele. **Enoch and the Messiah Son of Man: revisiting the Book of Parables.** Cambridge: Eerdmans Publishing Co., 2007, pp. 386-402.
KOCH, Klauss. **Questions regarding the so-called Son of Man in the Parables of Enoch: a response to Sabino Chialà and Helge Kvanvig.** In: BOCCACCI NI, Gabriele. **Enoch and the Messiah Son of Man: revisiting the Book of Parables.** Cambridge: W. B. Eerdmans Publishing Co., 2007, pp. 228-237.

PIOVANELLI, Pierluigi. **A testimony for the kings and mighty who possess the earth: the thirst for justice and peace in the Parables of Enoch.** In: BOCCA CCINI, Gabriele. **Enoch and the messiah Son of Man: revisiting the Book of Parables.** Cambridge: W. B. Eerdmans Publishing Co., 2007, pp. 363-379.

REYNOLDS, Benjamin. **The apocalyptic Son of Man in the Gospel of John.** Mohr Siebeck: Tübingen, Germany, 2008.

. **The Enochic Son of Man and the Apocalyptic Background of the Son of Man Sayings in John's Gospel.** In: BOCK, Darrell L. & CHARLESWORTH, James H. **Parables of Enoch: a paradigm shift.** New York: Bloomsbury T&T Clark, 2013, pp. 294-314.

RIBEIRO, Osvaldo L. "Este é o rei dos judeus" – o título "filho do homem" na camada histórico-traditiva pré-pascoal como referência à tradição veterotestamentária do rei. In: JUSTI, Daniel Brazil, CAVALCANTI, Juliana Batista & SANCOVSKY, Renata Rozental (orgs.). Revista Eletrônica Jesus Histórico, ano IV, vol. 6, ISSN: 1983-4810, 2011, pp. 92-106.

THEISSEN, Gerd. **O Jesus histórico: um manual.** SP: Loyola, 2002.

TUÑÍ, Josep Oriol & ALEGRE, Xavier. **Escritos Joaninos e Cartas Católicas.** SP: Ed. Ave-Maria, 2007.

VANDERKAM, James C. **Enoch and the Growth of an Apocalyptic Tradition.** Washington D. C.: The Catholic Biblical Association of America, 1984.

. **Enoch: a man for all generations.** University of South Carolina Press, 1995.

VENTER, Pieter M. **Spatiality in the Second Parable of Enoch.** In: BOCCACCINI, Gabriele. **Enoch and the messiah Son of Man: revisiting the Book of Parables.** Cambridge: W. B. Eerdmans Publishing Co., 2007, pp. 403-412.

VERMES, Geza. **A religião de Jesus, o judeu.** RJ: Imago, 1995.

. **The Son of Man Debate Revisited (1960-2012).** In: CHARLES WORTH, James; BOCK, Darrell, L. **Parables of Enoch: a paradigm shift.** New York: Bloomsbury T&T Clark, 2013, pp. 3-17.

WALCK, Leslie. **The Son of Man in the Parables of Enoch and the Gospels.** In: BOCCACCINI, Gabriele. **Enoch and the messiah Son of Man: revisiting the revisiting the Book of Parables.** Cambridge: W. B. Eerdmans Publishing Co., 2007, pp. 299-337.